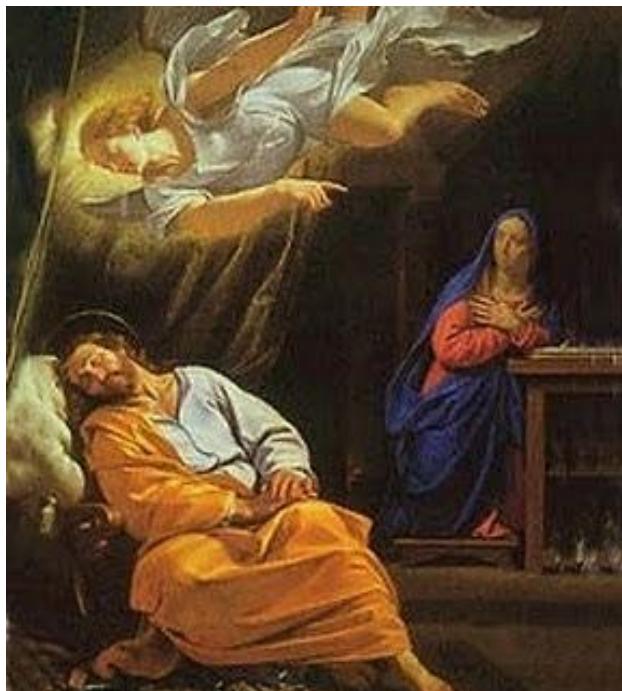


Domingo IV do Tempo do Advento – Ano A – 21.12.2025



Tinha ele assim pensado,
quando lhe apareceu num sonho o Anjo do Senhor,
que lhe disse:
«José, filho de David,
não temas receber Maria, tua esposa,
pois o que nela se gerou é fruto do Espírito Santo.
Ela dará à luz um Filho
e tu pôr-lhe-ás o nome de Jesus,
porque Ele salvará o povo dos seus pecados».

Viver a Palavra

O Tempo de Advento é um tempo paradigmático para a nossa existência cristã: viver em atitude de espera vigilante, renovar no coração a esperança de que o Senhor vem e se faz presente na nossa vida e escutar a voz de Deus que nos comunica os seus sonhos e projetos. O cristão, batizado em Cristo e sustentado pela força transformadora do Seu amor, é aquele que vive a certeza de que, em Jesus Cristo, Deus veio ao nosso encontro, assumindo a nossa natureza humana, mas que também continua a visitar-nos e a vir ao nosso encontro, no quotidiano da nossa existência, para renovar no nosso coração a certeza de que um dia virá para instaurar os novos céus e a nova terra.

Estamos na iminência da celebração do Natal do Senhor e o Tempo de Advento vai adiantado, é tempo de paramos para nos perguntarmos como estamos a viver este tempo e como exercitamos esta atitude de espera confiante que nos forja na arte de descobrir os sinais de Deus no nosso dia-a-dia.

A profecia de Isaías que escutámos na primeira leitura já se cumpriu. A Virgem de Nazaré concebeu e deu à luz um filho, o Emanuel, o Deus connosco, Aquele que não é indiferente às nossas dores e angústias, alegrias e esperanças, mas que se faz um de nós e trilha connosco os caminhos da história. É Ele, Aquele por quem Paulo recebe a missão de Apóstolo e que conta com cada um de nós para que a Boa Nova da salvação possa ecoar no tempo e na história, chegando ao coração de cada homem e de cada mulher: «*por Ele recebemos a graça e a missão de apóstolo, a fim de levarmos todos os gentios a obedecerem à fé, para honra do seu nome, dos quais fazeis parte também vós, chamados por Jesus Cristo*». Somos discípulos porque aprendizes na escola da arte de amar, mas também apóstolos, porque não podemos calar as maravilhas que Deus opera e porque o amor tem de ser anunciado como força transformadora na construção de um mundo novo e diferente.

É verdade, que muitas vezes os desafios da sociedade contemporânea, os medos, as limitações e fragilidades habitam o nosso coração e nos conduzem a resoluções humanas que nos afastam do projeto de Deus. Por isso, devemos aprender a contemplar a figura de José que não cede de modo tempestivo às surpresas da vida, mas que as procura acolher no coração pela arte da escuta e do silêncio. Diante de Maria, sua noiva, que se encontra grávida antes de viverem em comum, José pensa repudiá-la em segredo. Ele não começa por fazer longos discursos e preleções. Curiosamente, não escutamos uma única palavra de José, nem nesta ocasião, nem em qualquer outra das poucas páginas evangélicas onde ele aparece. José é um homem justo,

simples e bom, discreto e humilde, que nos recorda que a verdadeira riqueza não está tanto nas coisas que dizemos, mas na atitude de escuta que nos coloca a caminho com determinação e confiança para realizar os sonhos de Deus e colaborar na Sua obra de salvação.

No silêncio do sono, José recebe, num sonho, a certeza de que tudo o que está a acontecer é obra de Deus pela força do Espírito Santo e o filho que há de nascer do seio de Maria é Jesus «*porque Ele salvará o povo dos seus pecados*».

Ele confia e «quando despertou do sono, José fez como o Anjo do Senhor lhe ordenara e recebeu sua esposa». Ao contrário da anunciação a Maria, José não profere qualquer resposta, mas toma uma atitude e age de acordo com o plano de Deus. Como ele, somos chamados acolher os sonhos de Deus e agir com determinação e confiança. Deus conta connosco, com a nossa disponibilidade e prontidão, para que sejamos verdadeiros apóstolos que percorrem com alegria a estrada da santidade, aceitando o desafio de fazer do nosso coração espaço onde os sonhos possam habitar. *in Voz Portucalense*.

No IV Domingo do Tempo de Advento estamos já na iminência da celebração do Natal do Senhor e são muitas as coisas a preparar e ultimar para a celebração familiar desta quadra natalícia. Este Domingo é uma oportunidade para convidar cada família a fazer da Ceia de Natal um verdadeiro lugar de vivência cristã, de modo particular pela oração em família. Por isso, deve convidar-se cada família a valorizar o momento de oração no início da Ceia Natalícia, acendendo uma vela ou valorizando as figuras do Presépio, porventura com o beijar do Menino no início da Ceia. Poderá ser útil a distribuição de uma proposta de oração nas eucaristias dominicais deste Domingo. ***in Voz Portucalense***

† † † † † † † † † † † † † † † † † †

Estamos já no Ano Litúrgico – Ano A – onde seremos acompanhados pelo evangelista Mateus. Tendo em vista a formação bíblica dos fiéis e a importância do conhecimento da Sagrada Escritura como Palavra que ilumina a vida dos batizados, o contexto do Ano Litúrgico pode ser acompanhado como uma oportunidade para um encontro ou até vários encontros, sobre o Evangelista deste ano litúrgico.

Como se diz acima, durante **todo este ano litúrgico – 2025/2026 - acompanhámos o evangelista Mateus** em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação complementar, é, certamente, oportuna a proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Mateus. Há muita ignorância e confusão sobre o Evangelho de Mateus. Merece a pena tentar formar mais e melhor os cristãos da nossa comunidade.

E fizemos isso...

Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Mateus. Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos – Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura. ~

LEITURA I – Isaías 7,10-14

**Naqueles dias,
o Senhor mandou ao rei Acaz a seguinte mensagem:
«Pede um sinal ao Senhor teu Deus,
quer nas profundezas do abismo,
quer lá em cima nas alturas».**

Acaz respondeu:

«Não pedirei, não porei o Senhor à prova».

Então Isaías disse:

«Escutai, casa de David:

Não vos basta que andeis a molestar os homens para quererdes também molestar o meu Deus?

Por isso, o próprio Senhor vos dará um sinal:

a virgem conceberá e dará à lu-

CONTEXTO
No ano 745 a.C. Tiglat-Pileser III sobe ao trono assírio. Inicia imediatamente uma política imperialista que conduz à anexação de diversos reinos da região. Alguns anos depois, em 738 a.C., as tropas assírias invadem os reinos de Tiro, Damasco e Israel. Esses reinos ficam submetidos a Tiglat-Pileser III e são obrigados a pagar-lhe um pesado tributo. Tiglat-Pileser III, contudo, obrigado a enfrentar problemas militares no Norte do seu império, não avança para a conquista do reino de Judá.

Em 736 a.C., Acaz sobe ao trono de Judá. Pouco depois Pecah, rei de Israel, toma a decisão de rebelar-se contra o domínio assírio. Convida Acaz, rei de Judá, a entrar numa coligação anti-assíria com Rezin, rei da

Síria. Acaz, prevendo que uma aventura desse tipo acabaria mal, recusa. Então Pecah e Rezin lançam as suas tropas contra Jerusalém, com o objetivo de derrubar Acaz e instalar no trono de Judá um rei disposto a participar numa rebelião contra a Assíria. Acaz receia não poder opor-se às tropas de Pecah e Rezin. Decide então pedir a ajuda dos assírios para resistir aos invasores. O profeta Isaías não está de acordo com a decisão de Acaz: para ele, Judá deve contar unicamente com Deus; confiar a segurança da nação a potências e a exércitos estrangeiros é, na perspetiva de Isaías, abandonar Deus e expor o país a dependências que só podem trazer sofrimento e opressão.

Isaías, acompanhado do seu filho Chear-Yachub, vai encontrar-se com o rei Acaz junto do aqueduto de Guijon, uma fonte de água que abastecia Jerusalém. Pede-lhe que confie em Deus, pois Deus irá livrá-lo dos exércitos de Pecah e Rezin (cf. Is 7,3-9). Não será necessário pedir a intervenção da Assíria. Acaz, no entanto, mantém-se firme na sua decisão política de pedir auxílio aos assírios. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- Para aqueles que são capazes de observar a história dos homens com os olhos da fé, há uma realidade incontornável, que se vai manifestando a cada momento e das mais variadas formas: a “vinda” de Deus ao encontro dos homens para os acompanhar e guiar, a presença decisiva de Deus em cada curva do caminho que a humanidade está a percorrer, o cuidado e a ternura de Deus pelos seus queridos filhos que peregrinam no mundo ao encontro da vida verdadeira. O “caso” referido na primeira leitura deste quarto domingo do Advento encaixa-se bem neste molde: num tempo de desnorte e de crise, quando o rei Acaz insiste em arrastar Judá para caminhos sem saída, Deus vem ao encontro do Seu povo para lhe apontar o caminho que leva à salvação. Desde Acaz até aos nossos dias muita água correu sob as pontes da história; mas Deus, felizmente, ainda não perdeu essa bela “mania” de se meter connosco, de vir ao nosso encontro, de nos apontar caminhos, de ser o “Deus connosco”. A celebração do nascimento de Jesus – que ocorrerá dentro de poucos dias – coloca-nos frente a essa realidade. Estamos disponíveis para acolher o Deus que, em Jesus, vem ter connosco? Estamos dispostos a pôr de lado as nossas velhas ideias e preconceitos, os nossos interesses mesquinhos, as nossas certezas absolutas, para acolher as propostas e indicações de Deus?
- Acaz disse ao profeta Isaías que não queria pedir a Deus um sinal porque não queria colocar Deus à prova. Tratava-se de uma desculpa esfarrapada. A verdade é que Acaz confiava mais nas alianças com os poderosos, na força do exército assírio, no poder das armas, na lógica da violência, do que em Deus. Acaz representa bem uma certa mentalidade “moderna”, racional e concreta, que prefere apostar em lógicas terrenas e humanas do que em lógicas que nos colocam na área da transcendência e do mistério insondável de Deus. O problema, no entanto, é que os alicerces humanos sobre os quais construímos os nossos projetos se revelam, quase sempre, pouco fiáveis. Desmoronam-se rapidamente, traem a nossa confiança, desiludem-nos a cada passo. Acaz fez rapidamente essa experiência. E Deus, também nos desilude e nos trai? Talvez nem sempre entendamos a Sua lógica e os Seus “tempos” de intervenção; mas Deus alguma vez nos deixou cair ou se voltou contra nós? Onde está a nossa “rocha segura” que não falha: em Deus ou nas estruturas humanas?
- Deus, para tornar mais claro o caminho certo, enviou a Acaz um sinal. Acaz, no entanto, não quis ou não soube “ler” o sinal que Deus colocou diante dos seus olhos; por isso, não conseguiu fazer a escolha acertada e acabou por conduzir o seu povo por caminhos de morte e de desgraça. O exemplo de Acaz pode servir de base para nos questionarmos sobre a forma como encaramos os sinais que Deus coloca diante dos nossos olhos. Caminhamos atentos aos “sinais” que Deus posta na estrada da nossa vida e através dos quais nos indica o caminho que conduz à vida verdadeira, ou caminhamos numa alegre inconsciência, ao sabor da corrente e dos momentos, desviando-nos por atalhos que nos afastam do objetivo e nos fazem sofrer. *in Dehonianos*.

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 23 (24)

Refrão 1: Venha o Senhor: é Ele o rei glorioso.

Refrão 2: O Senhor virá: Ele é o rei da glória.

**Do Senhor é a terra e o que nela existe,
o mundo e quantos nele habitam.
Ele a fundou sobre os mares
e a consolidou sobre as águas.
Quem poderá subir à montanha do Senhor?
Quem habitará no seu santuário?**

O que tem as mãos inocentes e o coração puro,
que não invocou o seu nome em vão nem jurou falso.
Este será abençoado pelo Senhor
e recompensado por Deus, seu Salvador.
Esta é a geração dos que O procuram,
que procuram a face do Deus de Jacob.

LEITURA II – Romanos 1,1-7

Paulo, servo de Jesus Cristo,
apóstolo por chamamento divino,
escolhido para o Evangelho
que Deus tinha de antemão prometido pelos profetas
nas Sagradas Escrituras, acerca de seu Filho,
nascido da descendência de David, segundo a carne,
mas, pelo Espírito que santifica,
constituído Filho de Deus em todo o seu poder
pela sua ressurreição de entre os mortos:
Ele é Jesus Cristo, Nosso Senhor.
Por Ele recebemos a graça e a missão de apóstolo,
a fim de levarmos todos os gentios a obedecerem à fé,
para honra do seu nome,
dos quais fazeis parte também vós,
chamados por Jesus Cristo.
A todos os que habitam em Roma,
amados por Deus e chamados a serem santos,
a graça e a paz de Deus nosso Pai
e do Senhor Jesus Cristo.

CONTEXTO

Em meados do séc. I, Roma era a maior cidade do mundo, com aproximadamente um milhão de habitantes. Neste número estavam incluídos cerca de 50.000 judeus.

Provavelmente, o cristianismo chegou a Roma levado por judeus palestinos convertidos ao Evangelho de Jesus. Uma antiga tradição diz que foi Pedro quem anunciou o Evangelho em Roma, por volta do ano 42, e que da sua pregação resultou uma florescente comunidade cristã. No entanto, não temos evidências que comprovem esta tradição.

Paulo escreveu a sua Carta aos Romanos por volta do ano 57 ou 58. Estava, por essa altura, prestes a terminar a sua terceira viagem missionária. Sentia que tinha concluído a sua missão no Mediterrâneo oriental, pois as igrejas que fundara e acompanhara nessas paragens estavam organizadas e já podiam caminhar por si próprias. O olhar de Paulo dirigia-se agora para oeste. O apóstolo pensava passar por Roma, deter-se algum tempo nessa cidade e viajar depois para a Espanha para lá anunciar o Evangelho (cf. Rm 15,24-28).

Ao dirigir-se por carta aos cristãos de Roma, Paulo pretendia estabelecer laços com eles; mas também aproveitou a oportunidade para lhes apresentar os principais problemas que então o preocupavam, entre os quais sobressaía a questão da unidade. Tratava-se de um problema que se sentia um pouco por todo o lado e que também inquietava a jovem comunidade cristã de Roma, afetada por dificuldades de relacionamento entre cristãos de origem judaica e cristãos vindos do mundo greco-romano. Com serenidade e lucidez, evitando qualquer polémica, Paulo expôs aos cristãos de Roma as linhas mestras do Evangelho que anunciava. A Carta aos Romanos é uma espécie de resumo da teologia paulina e, do ponto de vista teológico, o escrito mais completo de Paulo.

Na primeira parte da Carta (cf. Rm 1,18-11,36), Paulo vai fazer notar aos cristãos divididos que o Evangelho é a força que congrega e que salva todo o crente, sem distinção de judeu, grego ou romano. Embora o pecado seja uma realidade universal, que afeta todos os homens (cf. Rm 1,18-3,20), a “justiça de Deus” dá vida a todos, sem distinção (cf. Rm 3,1-5,11); e é em Jesus Cristo que essa vida se comunica e que transforma o homem (cf. Rm 5,12-8,39). Batizado em Cristo, o cristão morre para o pecado e nasce para uma vida nova. Passa a ser conduzido pelo Espírito e torna-se filho de Deus; libertado do pecado e da morte, produz frutos de santificação e caminha para a Vida eterna. Na segunda parte da carta (cf. Rm 12,1-15,13) Paulo, de uma forma bastante prática, exorta os cristãos a viverem de acordo com o Evangelho de Jesus.

O texto que nos é hoje proposto é parte da introdução à carta. Sabendo que se trata de uma comunidade que não foi fundada por ele, Paulo adota singulares precauções diplomáticas, a fim de não melindrar os cristãos de Roma. Começa por se apresentar e por definir a missão que Deus lhe confiou.*in Dehonianos.*

INTERPELAÇÕES

- Paulo não fez parte daquele grupo que acompanhou Jesus desde a Galileia a Jerusalém e que foi testemunha ocular do que Jesus disse e fez. Descobriu Jesus mais tarde, precisamente quando ia a caminho de Damasco, com um mandato do Sinédrio para descobrir os cristãos dessa cidade e trazê-los algemados para Jerusalém (cf. At 9,2). No entanto, esse encontro com Jesus na estrada de Damasco foi absolutamente decisivo na vida de Paulo. Mudou completamente o horizonte sobre o qual ele pensava construir o seu projeto de vida. Desde o primeiro instante em que conheceu Jesus, Paulo acolheu-O; e acolheu-O de tal maneira que passou a dizer: “já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). O Evangelho de Jesus passou a ser, para Paulo, a norma suprema, a sua referência fundamental. Numa altura em que estamos a poucos dias da celebração do nascimento de Jesus, talvez Paulo possa mostrar-nos como se acolhe Jesus. Vamos, uma vez mais, encontrar-nos com o Senhor Jesus que vem ter connosco. Estamos disponíveis para o acolher (como Paulo o acolheu quando se encontrou com Ele na estrada de Damasco) e para deixar que Ele nos transforme? Estamos disponíveis para caminhar com Ele e para fazer do Seu Evangelho o nosso “programa” de vida?
- Paulo, depois de se encontrar com Jesus, tornou-se “apóstolo”. Aceitou o chamamento de Deus e fez-se “testemunha” de Jesus e do Seu projeto por todos os lugares onde a vida o levou. Não podia ser de outra forma: quando alguém faz uma verdadeira experiência de Jesus, percebe que não pode ficar calado; tem de partilhar com o mundo inteiro a Boa Notícia que descobriu. O anúncio do Evangelho torna-se então, não apenas um imperativo, mas uma missão plenamente assumida, necessária, incontornável. É por isso que Paulo dizia: “ai de mim se eu não evangelizar” (1Cor 9,16). Vamos, nestes dias, celebrar o nascimento de Jesus. Vamos acolhê-l’O e acolher a Boa Notícia de Deus que Ele nos traz. Depois de ouvirmos Jesus, vem o momento do testemunho. Aceitamos ser arautos do Evangelho de Jesus neste mundo que tão necessitado está de escutar a proposta de salvação que Deus faz aos homens? *in Dehonianos*

EVANGELHO – Mateus 1,18-24

O nascimento de Jesus deu-se do seguinte modo:

**Maria, sua Mãe, noiva de José,
antes de terem vivido em comum,
encontrara-se grávida por virtude do Espírito Santo.**

**Mas José, seu esposo,
que era justo e não queria difamá-la,
resolveu repudiá-la em segredo.**

**Tinha ele assim pensado,
quando lhe apareceu num sonho o Anjo do Senhor,
que lhe disse:**

**«José, filho de David,
não temas receber Maria, tua esposa,
pois o que nela se gerou é fruto do Espírito Santo.**

**Ela dará à luz um Filho
e tu pôr-lhe-ás o nome de Jesus,
porque Ele salvará o povo dos seus pecados».**

**Tudo isto aconteceu para se cumprir o que o senhor anunciara
por meio do Profeta, que diz:**

**«A Virgem conceberá e dará à luz um Filho,
que será chamado ‘Emanuel’,
que quer dizer ‘Deus connosco’».**

**Quando despertou do sono,
José fez como o Anjo do Senhor lhe ordenara
e recebeu sua esposa.**

CONTEXTO

O texto que nos é hoje proposto pertence ao “Evangelho da Infância”, na versão de Mateus. Os “Evangelhos da Infância de Jesus” (quer o de Mateus, quer o de Lucas) enquadraram-se num género literário próprio, que utiliza técnicas do *midrash haggadico* (um método de abordagem do texto bíblico utilizado pelos rabis judaicos com o objetivo de captar o significado pleno do referido texto) para nos apresentar o mistério de Jesus. A preocupação dos evangelistas que nos legaram os “Evangelhos da Infância” não é apresentar um relato factual dos acontecimentos dos primeiros anos de Jesus, mas sim oferecer às suas comunidades uma catequese que proclame determinadas realidades salvíficas: que Jesus é o Messias, que Ele vem de Deus, que Ele é o “Deus

connosco". Com recurso a tipologias (correspondência entre factos e pessoas do Antigo Testamento e outros factos e pessoas do Novo Testamento), a manifestações apocalípticas (anjos, aparições, sonhos) e a outros recursos literários, Mateus e Lucas tecem as suas catequeses sobre Jesus, o Filho de Deus que veio ao encontro dos homens. O Evangelho que nos é hoje proposto deve ser entendido a esta luz e neste enquadramento.

Para entendermos a "narração do nascimento de Jesus" que Mateus nos apresenta, devemos enquadrá-la no contexto dos costumes matrimoniais em vigor na sociedade palestina da época. Mateus diz-nos, logo no início do relato, que Maria e José estavam noivos, mas ainda não viviam em comum. O casamento hebraico considerava o compromisso matrimonial em duas etapas: havia uma primeira fase, na qual os noivos se prometiam um ao outro (os "esponsais"); só depois, numa segunda fase, surgia o compromisso definitivo, selado com as cerimónias do matrimónio propriamente dito. Entre os "esponsais" e a celebração do matrimónio, passava um tempo mais ou menos longo, durante o qual qualquer uma das partes podia voltar atrás, ainda que sofrendo uma penalidade. Durante esse tempo, os noivos não viviam em comum; mas o compromisso que os dois assumiam tinha já um carácter estável e vinculativo, de tal forma que, se surgia um filho, este era considerado filho legítimo de ambos. A Lei de Moisés considerava a infidelidade da noiva "prometida" como uma ofensa semelhante à infidelidade da esposa (cf. Dt 22,23-27). A união entre os dois "prometidos" só podia dissolver-se com a fórmula jurídica do divórcio. Ora, segundo o texto que nos é proposto, José e Maria estavam na situação de "prometidos": ainda não tinham celebrado o matrimónio, mas já tinham celebrado os "esponsais".*in Dehonianos*.

INTERPELAÇÕES

- Mateus parece fascinado com esse facto extraordinário que é Deus acercar-se dos homens para estar com eles e para fazer caminho com eles. Recupera mesmo uma antiga profecia de Isaías para nos apresentar o Menino que vai nascer de Maria como o "Emanuel", o "Deus connosco". Há, efetivamente, algo de absolutamente maravilhoso nesta história de um Deus que se despe de todas as suas prerrogativas divinas e se "veste" do barro débil de que somos feitos, que entra no nosso mundo pela porta da humildade e se aproxima de nós com a ternura de uma criança, que aceita sofrer lado a lado connosco as dores que marcam o caminho dos homens e que enfrenta a morte para nos dar vida... E porque é que Deus se dispõe a fazer esse caminho descendente e a incarnar na nossa história? Simplesmente porque nos ama e quer oferecer-nos a sua salvação. Preparamo-nos para celebrar, nos próximos dias, o nascimento desse Menino, do Emanuel, do Deus que vem ter connosco para ficar connosco e para caminhar connosco. Estamos preparados para o acolher? Ele tem lugar na nossa vida, não apenas no dia de Natal, mas em todos os dias do ano? Estamos dispostos a acolher a salvação que Ele nos traz?
- Vivemos nestes dias imersos num ruído de fundo que nos deixa pouco espaço para preparar o encontro com o Senhor... É o folclore das prendas "obrigatórias", as luzes que piscam nas ruas e nas nossas "árvores de natal", as músicas natalícias mil vezes repetidas, as tradições familiares que fazemos questão de respeitar, os petiscos tradicionais que é necessário preparar, os artefactos que a sociedade de consumo nos impõe, o cenário superficial e manipulado que nos espera sempre que entramos num centro comercial... Como conseguiremos descobrir, por detrás de tanta superficialidade e aturdimento o mistério do Deus que vem ter connosco, do bebé chamado Jesus ("Deus salva") que vem amorosamente trazer-nos uma proposta de salvação? Passaremos ao lado do Natal de Jesus se não conseguirmos fazer silêncio no nosso coração, abrir o coração ao mistério de um Deus que se aproxima de nós, saborear profundamente a chegada desse Deus Amigo que vem visitar-nos e quer encontrar lugar na nossa vida e no nosso coração. Ainda estamos a tempo: queremos, neste Natal, atirar para segundo plano as coisas supérfluas e abraçar o essencial, o Menino de Belém?
- José é uma das grandes figuras do Advento. Ao narrar-nos a "anunciação do anjo a José", Mateus convida-nos a contemplar esse homem humilde e generoso, humano e discreto, bom e "justo", que acolhe num silêncio respeitoso as indicações de Deus e se disponibiliza totalmente para colaborar no projeto de Deus. Sem reivindicar nada, sem fazer espalhafato, sem questionar os caminhos misteriosos de Deus, sem apontar para si próprio as luzes que iluminam o palco onde se desenrola a história da salvação, José sintoniza plenamente com Deus e assume a missão paternal de cuidar do Filho de Deus. Contando com a humilde colaboração de José, Deus pôde vir ao encontro dos homens para lhes oferecer a sua salvação. A nossa disponibilidade para colaborar no projeto de Deus é semelhante à do "justo" José?
- Há outra figura incontornável para todos aqueles que estão empenhados em preparar o Natal do Senhor: Maria, a mãe de Jesus. Ela, a jovem humilde de Nazaré, com a sua disponibilidade para escutar os apelos de Deus, com o seu "sim" incondicional ao projeto de Deus, abriu as portas da história humana ao Deus que queria vir ter connosco e fazer caminho connosco. Vemos em Maria um modelo de disponibilidade para acolher os desafios de Deus? Como ela, somos capazes de dizer

todos os dias “sim”, de forma que, através de nós, Deus possa nascer na vida dos homens? *in Dehonianos*.

Para os leitores

A **primeira leitura** é marcada pelo diálogo com o Rei Acaz. A proclamação desta leitura deve ter em conta este diálogo, tendo atenção a questão colocada por Isaías, introduzindo-a com as palavras «*Escutai, casa de David*», mas também evitando dar a entoação final apenas no final da frase interrogativa, mas sublinhando a expressão inicial «*Não vos basta...*». Esta leitura conclui com um feliz anúncio que deve ser destacado na proclamação do texto.

A **segunda leitura** é o início desta carta e por isso, começa com a apresentação que faz de si o apóstolo. Deve ter-se em atenção as frases longas com diversas orações e que exige uma preparação com atenção às pausas e respirações.